

A gênese das *Mémoires d'outre-tombe* de François-René de Chateaubriand¹

Beatriz Cerisara Gil²

Abstract: This work aims to analyze the fundamental phases of the writing process of Chateaubriand's memory called *Mémoires d'outre-tombe*. Chateau's initial objective was to focusing on his own individual journey, the title being *Mémoires de ma vie*, but the projected book turns to a new purpose which includes the historical perspective. The result is a hybrid narrative that artistically consists of autobiography and history.

Keywords: autobiography, history, memoir.

Resumo: Este trabalho reconstitui e examina as fases fundamentais do processo de escrita do texto memorialístico de Chateaubriand intitulado *Mémoires d'outre-tombe*. O longo processo de elaboração desses escritos, que se chamaram inicialmente *Mémoires de ma vie* e que pretendiam, numa primeira fase, destacar a trajetória individual do autor, foi substancialmente alterado por Chateaubriand, que inseriu, mais tarde, na composição de sua obra, uma perspectiva histórica significativa. O resultado literário desse percurso é uma narrativa híbrida que mescla autobiografia e história.

Palavras-chave: autobiografia, história, memórias.

Introdução

Entre 1812 e 1822, Chateaubriand escreve uma autobiografia intitulada *Mémoires de ma vie*, na qual ele narra sua infância e juventude. A evolução desse texto liminar, sobretudo no início dos anos 1830, tem como resultado uma obra que o memorialista vai intitular *Mémoires d'outre-tombe*. Desejo examinar uma questão que está relacionada ao âmago do projeto das *Mémoires*. Trata-se de analisar o contexto da transformação das *Mémoires de ma vie* em *Mémoires d'outre-tombe* e de verificar como o desenvolvimento das perspectivas do Eu e da história vão progressivamente compor a narrativa do memorialista.

1 Este artigo foi redigido no âmbito da elaboração da tese de doutorado em literatura francesa e francófona no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, sob a orientação de pesquisa do Professor Robert Ponge. Agradeço a ele pelas leituras que fez deste artigo e por suas observações. A tradução para o português foi feita por Joice Monticelli Furtado, aluna do bacharelado em Letras da UFRGS.

2 Professora do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. As origens do projeto das Mémoires

É difícil determinar a origem do projeto autobiográfico na trajetória de Chateaubriand. Ainda que, entre todas as obras do autor, as *Mémoires d'outre-tombe* concentrem todos os seus esforços em uma perspectiva exclusivamente memorialista e/ou autobiográfica, convém dizer que são encontrados já em seus primeiros textos alguns elementos de uma escrita pessoal. É por isso que Dominique Rincé vai buscar na aparente desordem de algumas obras como *Les Natchez*, *Atala*, *René*, *Les Martyrs* e *La Vie de Rancé* a unidade de um Eu permanente que atravessa essas narrativas, mesmo que de maneira desigual. Rincé propõe que se leia sua obra globalmente como um *continuum*, pois o romance biográfico, a epopéia ou as outras narrativas revelariam, em geral, um tipo de prolongamento textual produzido por uma subjetividade autobiográfica implícita (Rincé 1977).

Entretanto, em uma passagem das *Mémoires d'outre-tombe* datada de 1838, o próprio Chateaubriand afirma ter planejado escrever sua história pela primeira vez em 1803, em Roma, quando ele tinha trinta e cinco anos³. Ainda que seja verdade que ele tenha imaginado esse tipo de projeto naquele momento, ele vai adiar ainda em alguns anos sua realização. Para Jean-Claude Berchet, mesmo os funestos acontecimentos de 1804 – uma demissão e a morte de sua irmã Lucile – não o desviarão dos *Martyrs de Dioclétien*, já que é a ficção que sempre se apropria dos elementos autobiográficos (Berchet 2003, p. XIII).

O caminho entre a decisão de Chateaubriand de escrever suas *Mémoires* e a realização efetiva da tarefa não é percorrido sem desvios nem sem mudanças de concepção. Aliás, são os retornos, as dúvidas e as revisões que marcarão o longo período – quase quarenta e cinco anos – de criação e de escrita da obra.

Assim, mesmo sendo difícil fixar uma data precisa para o começo da concepção das *Mémoires*, é preciso reconhecer na etapa situada entre 1807 e 1811 o momento decisivo em que a iniciativa do projeto tem seguimento. Em julho de 1810, em uma carta a Madame Duras, ele constata o sentido fundamental do ato autobiográfico, segundo ele: “Un homme qui écrit ses mémoires a fini sa vie”⁴. É o momento no qual ele parece se afastar definitivamente da *littérature*; ele declara sua intenção de escrever uma História da França e se dedica mais às questões políticas. No prefácio de *Mémoires d'outre-tombe*, Berchet afirma, com relação a esse assunto:

Histoire et autobiographie se définissent désormais par un refus de la ‘littérature’, mais aussi par une exclusion mutuelle. Car la répartition de la matière entre elles détermine chacune a contrario. C’est parce qu’il commence une Histoire de France, et que dans ce domaine, le terrain est occupé, que Chateaubriand va pouvoir orienter ses Mémoires dans un sens opposé, c’est-à-dire restituer à un espace privé le moi aliéné sur la scène sociale⁵ (Berchet 2003, p. XV).

A partir de então, o escritor vai redigir suas memórias de maneira intermitente até o momento em que uma nova virada histórica distancia-o em definitivo da vida política e o faz retornar irremediavelmente a seus escritos autobiográficos. A Revolução de julho de

3 “C’est aussi à Rome que je conçus, pour la première fois, d’écrire les *Mémoires de ma vie*” [Foi também em Roma que tive a idéia, pela primeira vez, de escrever as *Mémoires de ma vie*] (Chateaubriand 2003-2004I, p. 712).

4 “Um homem que escreve suas memórias encerrou sua vida”.

5 “História e autobiografia são definidas, hoje em dia, não só como uma recusa da ‘literatura’, mas também como uma exclusão mútua. Pois a divisão da matéria entre elas determina cada uma a contrario. Uma vez que Chateaubriand começa uma História da França, e que nessa área, o terreno está ocupado, ele vai poder orientar suas *Mémoires* em um sentido oposto, ou seja, restituir a um espaço privado o Eu alienado no cenário social”.

1830 é o golpe fatal que marca seu afastamento dos assuntos do Estado. E dessa situação provém toda a sua disponibilidade, até mesmo sua necessidade, de dedicar-se inteiramente ao texto que deverá conter a essência de suas experiências, que serão, a partir de então, do ponto de vista da escrita, profundamente enraizadas na História.

Ele passa a reescrever a parte já redigida, acrescentando passagens e modificando datas – a de 1809 é substituída por 1811 –, mudando a estrutura geral da obra. Uma divisão em quatro partes substitui aquela em três partes inicialmente prevista e remete o leitor a suas diferentes profissões e a suas etapas históricas correspondentes: a Revolução, o Império, a Restauração e a Monarquia de Julho. No drama em três atos que põe em cena as profissões do viajante, do literato e do homem de Estado, ele vai acrescentar após a queda da monarquia uma quarta *profissão*, que mistura as três precedentes.

O que Chateaubriand escreve até 1834 representa, no máximo, apenas os dois eixos principais do vasto edifício das *Mémoires* cujas construções intermediárias ainda não se apresentam senão sob forma bastante precária. Na verdade, somente em 1839 o autor termina o que constitui a parte principal de sua obra, e a esse texto ele vai ainda acrescentar uma conclusão redigida em 1840-1841. Em seguida, diante da iminente perspectiva de publicar o livro, o autor começa uma última revisão completa do texto e o submete à apreciação do círculo literário de Madame Récamier, no qual se encontram Sainte-Beuve e Edgard Quinet. Após essas leituras privadas e as reprovações e sugestões desse público, o autor fará ainda supressões: as 4.074 páginas se transformarão em 3.514, e então, finalmente, é concluído o manuscrito de 1847-1848.

Na composição desse projeto de toda uma vida, Chateaubriand leva às últimas consequências a concepção formal elaborada por ele durante muito tempo. O processo de escrita que deveria levar ao texto *terminado* foi longo: a um texto *definitivo* sucedia um novo texto *definitivo* e assim sucessivamente até a morte do memorialista, no dia 4 de julho de 1848. Como a obra definitiva não pôde ser terminada durante a vida do autor, foi, inevitavelmente, o contratempo de sua morte que a concluiu.

Por fim, podemos resumir assim o percurso das diferentes versões das *Mémoires d'outre-tombe*: houve um texto definitivo em 1841, depois em 1845, em seguida em 1846-1847. A última cópia oficial será datada do mês de abril de 1847, mas Chateaubriand viveu até julho de 1848. Portanto, não é o último estado do texto, e nós temos ainda um último manuscrito, encontrado junto a seu leito de morte, que não foi rigorosamente seguido na edição original da obra em 1848-1850, e que deve esperar até o século XX para receber uma edição satisfatória.⁶

2. As três etapas-chave do processo de redação das *Mémoires d'outre-tombe*

Para fazer uma síntese da evolução da perspectiva do Chateaubriand memorialista, é preciso primeiramente reconhecer o jogo de luzes e sombras lançado por Rousseau sobre a cena romântica nos três primeiros decênios do século XIX. As *Confessions* de Rousseau foram ao mesmo tempo uma inspiração e um obstáculo para Chateaubriand. As questões do filósofo criador do *Emile* são uma referência permanente na concepção das *Mémoires d'outre-tombe* e esse diálogo com Rousseau atravessa as três fases decisivas do itinerário das *Mémoires*.

Em 1803, na primeira vez que Chateaubriand planeja escrever suas *Mémoires*, ele

6 A edição da “Bibliothèque de la Pléiade” e a do Centenaire, de 1947-1948, mas sobretudo a edição publicada nas edições Bordas, “Classiques Garnier”, em 1989-1998, estabelecida por Jean-Claude Berchet.

quer falar do que é belo, expor somente as realizações e os sentimentos que honram o homem. Ele não pretende, nesse momento, escrever sobre coisas íntimas, sobre um universo que, segundo ele, não deve ser exposto por alguém que não se deixa capturar pela vaidade e pelo amor próprio. Ele rejeita os excessos de uma exposição crua, realista; defende uma discrição total com relação a si mesmo e aos outros. As *Mémoires* vão, assim, evitar examinar o fundo do espírito, fugindo da tentação rousseuniana da narrativa introspectiva e da afirmação de uma interioridade. A sinceridade é um valor secundário nesse caso.

Seguindo essa visão, o projeto não deve destinar um espaço ao aprendizado dos primeiros anos ou à juventude; conseqüentemente, a temporalidade da narrativa não abrange toda a seqüência de experiências pessoais do memorialista. Chateaubriand justifica com argúcia e orgulho um projeto superior: o amor próprio é o fundamento da tentação confessional e a verdadeira confissão só é feita diante de Deus, uma vez que a verdade pertence somente à esfera religiosa. O homem busca em vão a absolvição junto a seus iguais; com exceção do tribunal divino, ele não poderá encontrar outras formas possíveis de reconciliação ou de apaziguamento espiritual⁷.

Em um primeiro momento, nosso escritor concebe sua obra como um meio de buscar a perenidade de suas lembranças belas, como uma forma de representação clássica do belo, afastando as fraquezas humanas de seu horizonte artístico. Vemos aqui, portanto, o quanto o projeto de Chateaubriand se distancia daquele concretizado por Rousseau nas suas *Confessions*, em que o elogio da sinceridade suscita as confissões do espírito e as revelações das paixões com uma forte afirmação individualista do seu Eu.

Mais tarde, em um segundo período, por volta de 1811, pouco depois da sua viagem ao Oriente, Chateaubriand tem novas idéias sobre seu projeto das *Mémoires*; ele deseja escrever “principalement pour rendre compte de moi à moi-même [...]”⁸. E ele expõe de que maneira essa experiência inédita de escrita permitia-lhe revelar sua história individual:

La plupart de mes sentiments sont restés ensevelis ou ne se sont montrés dans mes ouvrages que comme appliqués à des êtres imaginaires. Aujourd’hui que je regrette encore mes chimères sans les poursuivre [...] je veux avant de mourir remonter vers mes belles années, expliquer mon inexplicable cœur, voir enfin ce que je pourrai dire lorsque ma plume sans contrainte s’abandonnera à tous mes souvenirs⁹ (Chateaubriand 2003-2004^I, p. 7).

É uma segunda etapa importante: agora as *Memórias* ganham um peso *autobiográfico*. Do ponto de vista programático, pelo menos, o interesse pelo trajeto pessoal acentua-se e promete uma ênfase na perspectiva *intimista* e subjetiva. É inevitável constatar que o projeto confessional rousseuniano torna-se, nesse momento, um modelo. Nessa segunda etapa

7 Berchet esclarece a dimensão do problema em Chateaubriand da seguinte maneira: “À la rhétorique du perpétuel aveu, il oppose un double refus. C’est, pour commencer, un critère mondain (la discrétion de la bonne éducation, dans un monde où, loin de les publier, on se rend ses lettres); c’est ensuite un critère spirituel [...]. La sincérité ne représente donc ni un idéal littéraire ni un idéal moral [...]” [À retórica da confissão perpétua, ele opõe uma dupla rejeição. É, para começar, um critério mundano (a discrição da boa educação em um mundo no qual, longe de publicá-las, entrega-se cartas); é, além disso, um critério espiritual. A sinceridade não representa, portanto, nem um ideal literário, nem um ideal moral]” (Berchet 2003, p. XII).

8 “Principalmente para dar conta de mim a mim mesmo”.

9 “A maioria dos meus sentimentos ficaram sepultados ou só são mostrados em minhas obras aplicados a seres imaginários. Hoje, que tenho saudade ainda das minhas quimeras sem persegui-las [...] eu quero antes de morrer remontar aos meus belos anos, explicar meu espírito inexplicável, ver, enfim, o que eu poderei dizer quando minha pena sem limitações se entregar a todas as minhas lembranças”.

em que a proposta de Chateaubriand e a herança de Rousseau se aproximam, as *Mémoires*, ainda intituladas *Mémoires de ma vie*, manifestam um retorno a Rousseau através de “la brusque émergence dans le champ de conscience de ce qui avait été occulté en 1803: enfance, intériorité, authenticité du souvenir et de l’écriture. [...] C’est poser le moi comme énigme à résoudre, cœur à explorer ; jouissance inlassable du miroir, qui écarte, sur le plan du récit, toute prolifération anecdotique”¹⁰ (Berchet 2003, p. XVI).

Nos anos 1830, nota-se uma terceira mutação essencial na evolução do projeto, que já era anunciada, aliás, desde os anos 1820. A partir desse momento, Chateaubriand vai expandir a abrangência de suas *Mémoires*: além da perspectiva individual, a narrativa deve agora compreender a perspectiva histórica. Assim, o texto não cessará de ser modificado com o objetivo de associar o indivíduo e sua história.

Para melhor situar essa transformação no projeto das *Mémoires*, eu detalho um pouco mais o contexto da produção do autor nos anos 1820. É que essa terceira virada tem uma relação direta com a publicação de suas *Œuvres complètes*: essa mudança importante na concepção das *Mémoires* se produz durante o longo processo que é o projeto de reorganização e publicação das obras que ele redigiu até esse momento.

Em 1825, Chateaubriand decide preparar suas *Œuvres complètes*. O projeto se revela decisivo para fazer um balanço de sua carreira, assim como para redefinir e explicitar inúmeros aspectos de seu pensamento político e literário. Chateaubriand vai estabelecer nele pontes entre seus diversos textos e, durante o trajeto, vai recompor o conjunto de seus trabalhos. A importância dessa iniciativa reside, sobretudo, em dois aspectos.

O primeiro é que nessas *Œuvres complètes*, por um lado, o autor reúne numerosas peças que não haviam sido publicadas ainda: artigos literários, brochuras, ensaios e alguns discursos políticos ganham nelas seu espaço. Por outro lado, as obras inéditas ou inacabadas são incluídas nessa edição magistral (é o caso das *Natchez, des Aventures du dernier Abencérage*, das *Voyages*, dos *Études historiques*, mas também de seu *Essai sur les révolutions* de 1797, editado na Inglaterra e que não havia sido publicado na França até então).

O segundo aspecto a ser considerado é a extensão do aparato explicativo constituído pelas notas e pelos prefácios. Segundo J. C. Berchet, com essa publicação de suas obras o escritor prepara “un retour en force sur la scène littéraire, à laquelle il avait renoncé quinze ans plus tôt, mais aussi une revendication de paternité envers le romantisme renaissant : le mirifique contrat qu’il signe, au mois de mars 1826, avec le libraire-éditeur Lavocat, le consacre comme le modèle envié de la gloire littéraire pour toute la génération des années 20”¹¹ (Berchet 2003, p. XIX).

Mas as *Œuvres complètes* não se limitam a compilar textos, sua importância ultrapassa a simples tarefa de reunir e organizar as obras espalhadas ao longo dos trinta últimos anos. Colocado em evidência por esse movimento publicitário, o autor se vê como um representante privilegiado de uma consciência histórica viva e lança algumas luzes sobre sua própria perspectiva histórica. Por outro lado, essa grande edição recebe em seus prefácios algumas páginas que faziam parte das *Mémoires*, e a aproximação das *Œuvres*

10 “Brusca emergência no campo de consciência daquilo que havia sido ocultado em 1803: infância, interioridade, autenticidade da lembrança e da escrita. [...] É colocar o Eu como enigma a ser resolvido, espírito a ser explorado; apreciação incansável do espelho, que afasta, no plano da narrativa, qualquer proliferação anedótica”.

11 “Um retorno com força à cena literária, à qual ele havia renunciado quinze anos antes, mas também uma reivindicação de paternidade com relação ao romantismo renascente: o mirífico contrato que ele assina, em março de 1826, com o livreiro-editor Lavocat, consagra-o como o modelo enviado da glória literária para toda a geração dos anos 20”.

e das *Mémoires* manifesta enfim a evolução teórica e programática do Chateaubriand memorialista. Enfim, uma via fértil se abre. Portando a força do testemunho pessoal ou de um projeto *autobiográfico* nascente, as *Œuvres* se tornam uma espécie de estudo que funda uma nova perspectiva poética para seu autor.

No “Préface générale”, no começo do tomo XVI, publicado em 1826, Chateaubriand afirma que suas obras “seront comme les preuves et les pièces justificatives de ces Mémoires”¹², assim como uma “histoire fidèle des trente prodigieuses années qui viennent de s’écouler”¹³ (Chateaubriand 2003-2004^I, p. 1533-1537) inaugurados a partir da Revolução. Esse texto representa, portanto, uma etapa importante na gênese das *Mémoires*, pois a perspectiva histórica que ele propõe já anuncia os elementos composicionais que poderão ser encontrados mais tarde nas *Mémoires d’outre-tombe* e que serão teoricamente explicitados no seu “Préface testamentaire”¹⁴.

Enfim, após querer dar à França uma epopéia moderna com *Les Martyrs*, o escritor canaliza as forças para o projeto memorialista, mas, para isso, modifica um pouco a amplitude do programa. Ele não se limita mais apenas a promover a confissão introspectiva de sua vida, conforme havia planejado vinte anos antes. Nesse momento, ele deseja, ao contrário, amplificar a narrativa para introduzir nela a História.

Considerações Finais

Ainda que se encontre impedido de influenciar no rumo dos acontecimentos políticos após a Revolução de Julho e o advento de Luís Felipe¹⁵, Chateaubriand não renuncia, no entanto, a escrever sobre os eventos políticos. É nesse contexto aliás que a dimensão histórica entra como aporte vital nas *Mémoires* e é também nessas circunstâncias, em 1832, que as *Mémoires de ma vie* se transformam nas *Mémoires d’outre-tombe*.

Mas é preciso observar que essa mudança de perspectiva que inclui um plano histórico sólido ao lado do universo pessoal não equivale simplesmente a uma migração de ordem temática. Aqui, a perspectiva se torna mais complicada, pois a perda de poder dos aristocratas legitimistas significa para Chateaubriand a perda de seu espaço de ação; a partir de então, a esse homem público, vai restar tão-somente o abandono da cena política e um horizonte dramático repleto de incertezas. Desse fato resulta uma visão problematizada da história, visão que será materializada pelo texto das *Mémoires d’outre-tombe*.

Para representar esse impasse, o autor-narrador da narrativa se coloca no futuro e se põe a falar de um lugar inverossímil: é assim que um autor-defunto que só pode ver seu futuro do além-túmulo torna-se o historiador das *Mémoires*. Sobre as circunstâncias que geram esse novo título, Chateaubriand diz o seguinte:

J’éprouve maintenant de la joie, forçat libéré que je suis des galères du monde et de la cour. [...] Heureux de terminer une carrière politique qui m’était odieuse, je rentre avec amour dans le repos. [...] Les heures de loisir sont propres aux récits : naufragé, je continuerai de raconter mon naufrage (Chateaubriand 2003-2004^{II}, p.490-491).¹⁶

12 “Serão como as provas e as peças justificativas dessas Memórias”.

13 “História fiel dos trinta prodigiosos anos que acabaram de transcorrer”.

14 O “Préface testamentaire” é o principal texto programático das *Mémoires d’outre-tombe*; escrito entre 1832 e 1833, ele aparece pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, em março de 1843, e serve de prefácio às *Mémoires* até a sua substituição por um “Avant-propos” pouco antes da morte do autor. Ele se encontra na edição das *Mémoires d’outre-tombe* mencionada nas referências bibliográficas deste artigo.

15 Chateaubriand é um crítico implacável do rei Luís Felipe e renuncia definitivamente à vida política.

16 “Sinto nesse momento a alegria, prisioneiro libertado das galés do mundo e da corte. [...] Feliz por terminar uma carreira política que me era odiosa, eu entro com amor no repouso. [...] As horas de lazer são próprias às narrativas: naufragado, continuarei relatando meu naufrágio”.

O que se pode apreender, enfim, desse segundo batismo das *Mémoires*?

Vemos, inicialmente, que essa transformação marca a maturação da obra. As *Mémoires d'outre-tombe* designam uma nova forma de lidar com a perspectiva do tempo – e também do espaço –, e essa mudança de denominação corresponde a uma modificação na concepção geral da narrativa.

Por um lado, as *Mémoires de ma vie* pretendem, sem dúvida, expor as lembranças claras e positivas de um passado completamente restituível, criando em uma posição retrospectiva, mais linear, um enquadramento menos problematizado da narrativa. *Ma vie*, expressão forte, até mesmo marcada, informa com toda transparência que o escritor se propõe a revelar um percurso bem delimitado, iluminado pela clarividência de tudo que se encontra no horizonte daquilo que é lembrado. Além disso, o possessivo *ma* insiste na primazia do particular, na afirmação de uma individualidade que deve ser distinguida.

As *Mémoires d'outre-tombe* propõem, em contrapartida, uma fórmula simbólica fúnebre. Eliminando o *ma* indicador da *pessoa (ma vie)* do discurso, o título carrega somente um traço do enunciador, aquele que corresponde a sua finitude, seu desaparecimento. O autor não ostenta nelas nem sua morte, *ma mort*: além da vida, desligado de tudo o que assegura e conduz as coisas terrestres, de maneira lúgubre, ele remete o leitor a lembranças que saem *d'outre-tombe*. Toda a ambiguidade de uma voz sem as referências *físicas* do enunciador é trazida à tona, e assim, a composição textual que resulta daí faz eco aos tremores e às oscilações dos tempos revolucionários. Essa última tendência é acompanhada por uma consciência cada vez mais aguçada de sua historicidade.

Enfim, essa é mais ou menos a intenção do memorialista quando ele rebatiza sua obra, dois anos após a queda da monarquia restauradora, atribuindo a sua obra um tom que carrega o peso enigmático do luto.

Referências

BERCHET, Jean-Claude. *Préface*. In: CHATEAUBRIAND, François-René. *Mémoires d'outre tombe*. Tome I. Paris, LGF, coll. “La Pochotèque”, 2003-2004.

CHATEAUBRIAND, François-René. *Mémoires d'outre tombe*. Tome I. Paris, LGF, coll. “La Pochotèque”, 2003-2004¹.

_____, François-René. *Mémoires d'outre tombe*. Tome II. Paris, LGF, coll. “La Pochotèque”, 2003-2004¹¹.

RINCÉ, Dominique. Les premières œuvres de Chateaubriand: la genèse d'un projet autobiographique. In: *Revue d'histoire littéraire de la France*. Paris, Armand Colin, 1977, vol. 77, n° 1.